a) Filosofia / Análise Existencial
b) Bibliográfica
c) Comunicação oral

O ESTÁDIO RELIGIOSO COMO POSSIBILIDADE DE AQUISIÇÃO DE SENTIDO DA VIDA NA PERSPECTIVA DE KIERKEGAARD

Donizeti Pessi; João Paulo Minoru Hirai
Universidade Estadual de Ponta Grossa; Instituto de Filosofia e Teologia Mater Ecclesiae
donizetipessi@hotmail.com; joao_hirai@hotmail.com

Resumo

A pesquisa, bibliográfica-qualitativa, pretendeu analisar a busca pelo sentido da vida, por meio do estádio religioso, na perspectiva de Kierkegaard. Nessa, também intentou-se evidenciar o conceito de indivíduo e sua existência que, apresenta sua dimensão própria, a angústia, que possibilita a identificação e a influência pelos modos de vida estético, ético e religioso – sendo nesse trabalho destacado o religioso – para o entendimento da escolha e do sentido à própria existência, que impulsiona para o entendimento dos anseios humanos, assumindo o modo de vida que melhor lhe cabe, conforme sua decisão; a fim de esclarecimento as responsabilidades e as consequências da escolha pessoal, inclusive por uma atitude psicológica, que tem como consequência a possibilidade de vivência plena e autêntica da existência humana, que pode ser encontrada dentro do estádio religioso.

Palavras-chaves: Angústia. Existência. Estádio Religioso. Sentido da Vida.

Abstract

The bibliographical-qualitative research sought to analyze the search for the meaning of life, through the religious stage, from Kierkegaard's perspective. It was also tried to highlight the concept of individual and its existence, which presents its own dimension, the anguish, that makes possible the identification and influence by aesthetic, ethical and religious ways of living. For better understanding the choice and the meaning to the very existence, that impels to the understanding of the human yearnings, assuming the way of life that better fits to him, according to his decision; in order to clarify the responsibilities and consequences of personal choice, including a psychological attitude, which results in the possibility of a full and authentic experience of human existence, which can be founded in the religious stage.

Key-words: Anguish. Existence. Religious Stage. Meaning of life.

1 Introdução

O contexto das revoluções do século XIX afligiram grandes preocupações e instabilidades para as pessoas da época. Com o exaurir do Iluminismo houve a deposição da razão, que até então era vista como rainha. Nesse contexto surge a análise de Kierkegaard sobre o homem, de modo específico, aquele homem religioso.

Pela análise feita por Kierkegaard a respeito da cristandade e a conclusão ferrenha de que o cristianismo não estava sendo vivido, com toda seriedade que ele comporta, fez com

que o dinamarquês, por meio de sua reflexão, ajudasse o homem a pensar sobre a escolha pela sua existência; existência tal que estava marcada pela perda da subjetividade e pela miscigenação do cristianismo a um componente social.

Em suas obras percebe-se que o objetivo maior, do pai do existencialismo, foi o de descrever o que é o verdadeiro cristianismo. Para tanto, o homem necessita estar sob o "[…] olhar de Deus" (REALE, 2003), conseguindo alcançar o sentido de sua vida, pois ao se deparar com a autenticidade cristã, segundo Kierkegaard (2003), o homem está pronto para viver aquilo que é a sua realização.

As próprias obras heteronímicas possibilitam, através de um método similar ao maiêutico socrático, descobrir a verdade da existência por conta do ledor[1]: a verdade tem que ser verdadeira para quem a descobre. Tal modo de escrita possibilitou que os leitores, daqueles, e de tantos outros momentos, percebessem em si a angústia, própria do homem, e que assim, torna cada um capaz de dirigir as escolhas de vida.

Além disso, as obras de Kierkegaard traziam ressaltada a singularidade do ser humano, colocando o sentido da vida, pois cada homem, a partir da possibilidade de escolha, é convidado a buscar o contato com sua interioridade, no transcendente.

2 A existência como possibilidade

A análise existencial parte, antes de tudo, daquilo que se concebe sobre o homem e sua existência, uma vez que algo é compreendido por alguem quando se compreende, igualmente, o objeto de estudo. Nesse caso, o objeto torna-se mais do que simples conteúdo de análise; mas é também, itinerário e produto final. Tudo em si mesmo. Ou seja, o homem faz-se investigador de si, parte da sua existência, caminha consigo e encontra em si uma resposta. Por isso, aquilo que se conclui sobre o homem é tão passível de comprovação e análise de resultado, pois pode ser comprovado com e por todos.

Para Kierkegaard (2010), o homem é *individuum* e isso é o essencial da existência humana: é ele mesmo e gênero humano, ao mesmo tempo. De maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo e o indivíduo participa de todo o gênero humano. Com essa

[1] Usou-se o termo ledor, ao invés de leitor, para reforçar a ideia do sujeito que, mais do que ler, aprofunda-se nos conceitos e na reflexão.

definição se afugenta do singularismo[2] e do fantástico. Esta se configura como a perfeição do homem vista como estado.

O indivíduo tem história, portanto o gênero humano tem história. Todo e qualquer indivíduo é interessado pela sua história, assim como é interessado pela história dos outros. Esse interesse implícito na condição humana, e que parte de uma análise existencial, quer indicar que o homem é, de alguma forma, afetado pela história alheia, como consequência da ação da humanidade. A perfeição, então, no participar completamente da totalidade. Sendo assim, Adão[3], o primeiro homem, é ao mesmo tempo ele e o gênero humano, pois ele não se diferencia de nenhum homem, por isso aquilo que explica Adão explica o gênero humano.

Assim, a inocência de Adão, mostra em si a inocência do próprio homem, antes do fruto proibido[4], ou seja, a inocência é a ignorância, o não conhecimento. Então, o homem por si mesmo acaba caindo na culpa e no desespero[5].

> Mas é só pela culpa que se perde a inocência essencialmente da mesma maneira que Adão o fez, e não interessa a Ética fazer de todos os homens, exceto Adão, espectadores da culpabilidade, aflitos e interessados – mas não culpados; nem interessa a dogmática fazer de todos eles espectadores interessados e simpatizantes da redenção, mas não redimidos (KIERKEGAARD, 2010, p. 39).

Entender a culpabilidade é um fator importante, porém, mais do que isso, faz-se importante, aqui, voltar àquilo que o homem traz dentro de si e que o conduz a optar pelo conhecimento do bem e do mal. E, segundo Kierkegaard (2010), o espírito, próprio do homem se projeta nessas realidades efetivas e se vê fora de si, pasando, então, a ser aquilo que escolher. Então, o conhecimento do mal (e até mesmo a vivência) passam a adquirir aspecto importante para o livre escolher, próprio e dom do homem, que se torna digno e pode viver bem, pois escolheu livremente.

Nessa escolha, na visão e na análise basilar da filosofia de Kierkegaard, destaca-se o conceito de possibilidade (possibilidade-de-sim, possibilidade-de-não), pois faz com que a existência se torne uma "[...] **contingência absoluta**: o homem tem diante de si uma

---

[2] "'Singularismo' seria uma doutrina que insiste que cada um vale por si, sem relação com os demais." (KIERKEGAARD, 2010, p.30)

[3] Kierkegaard coloca o personagem bíblico, Adão, como personagem histórico e que, independente da carga literária em Gêneses, encontra-se como referência do primeiro homem a participar do gênero humano e que abre análise para o homem, de modo geral. (KIERKEGAARD, 2010)

[4] A linguagem figurada "fruto proibido" usada na Bíblia faz menção ao desconhecimento do bem e do mal. Considerando que tudo ou é bem ou é mal, fica-se apenas com desconhecimento.

[5] A culpa que vem com o pecado, tira a inocência, porém ao mesmo tempo, com o conceito de arrependimento (e na cristandade também a redenção) surge para o abrir de novas possibilidades sempre. Enquanto o desespero, próprio do homem em sua relação consigo mesmo, é a culpa do homem, que não sabe aceitar a si mesmo em sua profundidade. (KIERKEGAARD, 2010)

multiplicidade de possibilidades pelas quais escolhe. [...] A existência não é um objeto, mas aquilo a partir do qual cada um experimenta, pensa e age". (SILVA, 2008, p.35-36).

Essa reflexão remete à essência da visão existencialista que divulga a ideia de que a existência precede a essência:

> Existir, para o homem, não é o equivalente de ser (*Vaeren*) ou de ter a existência, empírica, imediata, a existência de fato (*Tilvaerelse*). O homem é o único existente, distinto dos outros entes que só tem uma existência de fato e não sabem que são. Muito mais, para o homem, sua existência é uma tarefa, uma exigência: a de ter que devir, edificar-se (FARAGO, 2006, p. 75).

O fato de existir e escolher entre as possibilidades faz com que o homem seja sua própria existência concretizada na realidade pela ação. Consequentemente, a existência se torna autêntica na medida que faz sentido por ela mesma, partindo daquele que escolheu.

> Enfim, a existência humana ou o Indivíduo encontra-se sempre diante das possibilidades, colocando-o em relação consigo mesmo, com o mundo e com Deus. O desespero, a angústia e o paradoxo são situações concretas que caracterizam essa relação do homem a partir das possibilidades lhe apresentadas (BLANC *apud* SILVA, 2008, p. 37).

Então, de tal modo, e a todo tempo, o homem está condicionado às escolhas e às possibilidades, logo, ele está, a todo momento, diante de opções de vida, que o determinam perante aquilo que são os anseios humanos demonstrados diante da realidade.

3 A angústia

O homem depara-se com as escolhas e decisões, presentes de maneira total e abrangente em cada situação da vida. Isso em decorrência das possibilidades. Assim, tais decisões são tomadas, a partir daquilo que Kierkegaard (2010) salientou com o conceito de angústia.

A angústia pode ser entendida como uma "[...] qualificação do espírito que sonha, e pertence como tal à Psicologia. Na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro" (KIERKEGAARD, 2010, p. 45). Pode-se analisar que a distância supracitada pelo filósofo nos remete a pensar que o homem sempre está na condição do 'ser que está' (meu eu) e do 'ser que poder ser' (meu outro), ou seja, por angústia entende-se, então, não mais com a carga negativa do senso comum, mas a "[...] realidade da liberdade como possibilidade antes da

possibilidade [...]" (KIERKEGAARD, 2010, p. 45), que é própria do espírito, própria do homem.

O espírito, que não se encontra no animal, mas que é infundido no homem, o diferencia pela capacidade que tem de se angustiar, de ver as posibilidades; porquanto, conforme a analogia de Kierkegaard (2010), quanto menos angústia, menos espírito. E frente às opções, o homem tem sua liberdade guiada, agora pela angústia, porque é ela quem apresenta ao homem a possibilidade de escolher ser. É a angústia infundida na criação do homem, como possibilidade, na relação paradoxal[6] de pecado, pela qual se encontra a verdade.

Remete-se aqui, que a angústia também é a nobreza que o ser humano possui, visto que ela é capaz de derrubar as ilusões passageiras e trazer, junto com a fé, as verdades. Pois, "[…] a angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões." (KIERKEGAARD, 2010, p. 164).

A fé, então, salto qualitativo, impossível de ser alcançado pelo progresso quantitativo da razão, irrompe na existência humana, na interioridade e também na história, fazendo com que a angústia ganhe uma certeza, uma segurança maior comparada à ausência dela, pois sem ela, o homem cai no desespero. É ela quem eleva a capacidade de escolha.

4 Estádios de vida: possibilidade para a angústia

O homem precisa tomar decisões, fazer escolhas. "O homem é aquilo que se torna: ele se faz, se elege e existe. Ele é responsável pela sua existência, vive interessado infinitamente por existir." (KIERKEGAARD, 1971, p. 231). Ele debe tomar a responsabilidade de ser ele mesmo, de tomar posse do seu eu, de sua personalidade e que culminem em um estilo de vida.

> Além de o homem existir, a sua vida só alcança significado quando ele se conhece a si mesmo, quando reflete sobre a sua interioridade. O existir só é possível quando o homem decide, escolhe. A sua existência consiste na subjetividade.

[6] Relação paradoxal, pois independente e pelo pecado, o homem tem a capacidade de conhecer a verdade. Independente, pois o pecado, pela redenção do ser humano por Cristo, não o impede de viver. E, pelo pecado, pois ao romper com a sua condição e com a possibilidade de Deus, na pessoa de Adão e do gênero humano, pode agora escolher com mais clareza e saborear com mais intensidade a futura escolha feita pelo sim ou pelo não.

> Consequentemente, "a verdade é a subjetividade". (KIERKEGAARD, 1971, p. 236).

De tal modo, pode o homem olhando para si, encontrar sentido na existência, encontrar resposta dentro de si mesmo, pois ele é capaz de livremente perceber, por meio da angústia a possibilidade que o inquieta[7]. Tal inquietação humana, visa trazer a verdade da humanidade para o homem, pois toda perturbação quer dizer que o homem está no lugar errado e deve chegar ao lugar certo, ou seja, o homem está no eu e precisa chegar ao verdadeiro eu.

Para Kierkegaard (SILVA, 2008), o homem vive uma relação consigo mesmo, com o mundo e com Deus. E, por ser finito, o homem vive uma relação interior complexa diante do dualismo entre alma e corpo; entre ambos e o espírito que o leva a Deus (verdade humana), resgatando essa relação conscientemente, visto que o ser humano não é predeterminado; é, pois, com o existir marcado por escolhas.

A todo momento vive essa angústia, marcada pela busca da verdade. Diante das possibilidades de escolha essa angustia, frente as opções de vida determinam o homem perante aquilo que são os anseios de sua realidade, fazendo-o encontrar-se inserido em esferas existenciais distintas, nas quais percorre e escolhe de modo diverso, conforme o estádio em que está.

Esses estádios (ou estágios, também chamados de estações) são interpretados como estágios progressivos, esferas existenciais, estados psicológicos ou estilo de vida pessoal. Não havendo assim estádio superior ou inferior[8], e a passagem de um para o outro não é obrigatória, todos são significativos e fazem parte da constituição do ser humano.

Nessa relação, com uma interioridade humana que apela para o transcendente, o homem encontra-se em três possibilidades, nas quais não busca, segundo Kierkegaar, senão o sentido da vida. Entretanto, existem modos distintos de encontrar:

> O estádio estético em que o homem se abandona à imediatidade, o estádio ético em que se submete à lei moral (o geral, como se diz), e o estádio religioso em que o homem, abraçando a eternidade, se deixa dirigir pelo amor, para além do bem e do mal. A vida, para poder chegar à plenitude, comanda a paixão de existir como amor

[7] Inquietação aqui é entendida como a possibilidade que o homem, de modo subjetivo, sabe que deve escolher pela dinâmica escolhida dentro dos estádios. No caso, a visão de Kierkegaard, diz que o sentido (nessa linguagem, a única coisa capaz de aquietar) é acreditar e tomar consciência na redenção de Cristo.

[8] Aqui parece confundir a questão dos estádios, sobre a superioridade de um sobre o outro, que não o há no sentido de que se pode viver com sentido para a vida em qualquer um deles. Entretanto, só pode viver com sentido pleno e nas diversas situações se o homem vive dentro do estádio religioso, que por meio da fé, faz com que ele não esteja mais condicionado e possa ter a liberdade promulgada pelo existencialismo (liberdade independente de condições, mas que interiormente é promulgada pela decisão, e aqui, pela fé).

> e auto-afirmação. Esse é o ato originário, é o ato de querer tornar-se si mesmo. A opção original do eu é um amor a si mesmo, é de verdade o primeiro amor. Todavia, o homem pode se amar mal. (FARAGO, 2006, p. 120).

Sob essa perspectiva de escolher mal, a escolha toma um papel importante a se considerar. Escolher é agir, mais do que pensar é decidir e agir. Assim, o ser humano escolhe em cada estádio como vai fazer o encontro com sua eternidade, podendo até mesmo negar tal encontro. (SILVA, 2008).

> Eles não são objetos de síntese, porque cada ser humano, ao longo da caminhada, pode permanecer em alguns pontos estéticos, mas pode viver uma vida ética e até mesmo religiosa. Ou seja, há uma continuidade nos estádios, não uma ruptura radical, entre outras. Porém, se o ser humano quiser dar sentido à sua vida, necessitará de Deus. (GOUVÊA *apud* SILVA, 2008, p. 41).

E, nesse ponto, a figura de Deus é mais do que uma mera opção, é carregada de sentido, pela fé. Conduzindo o ser humano a optar pelo correto.

4.1. Estádio Religioso como Fonte de Sentido

E com o elenco dos estádios, ou dessas escolhas, para Kierkegaard (REALE, 2003), só o religioso possibilita atribuição de sentido à vida. “A fé pertence à subjetividade do homem. Ela não é irracional, mas põe limites a razão. A fé é um paradoxo! Não se pode compreendê-la, mas apenas vivê-la.” (SILVA, 2008). E, acerca dessa análise, o existencialista conclui que foi o grande erro do século XIX, o de querer explicar e reificar o homem complexo, como se fosse possível, ocorrendo a massificação do ser humano e do “[…] indivíduo que se perde na multidão”. (SILVA, 2008).

Para que isso não ocorra, deve-se optar pelo modo religioso de vida, ou melhor, para a fé, que coloca o homem em direção ao sentido religioso. Sem ela não existe homem religioso, não existe o encontro com o verdadeiro eu, pois ela direciona a relação a Deus e ao verdadeiro cristianismo, colocando o homem em direção ao Cristo[9], e se torna uma ação habitual ou caráter.

[9] É importante deixar clarificado que Cristo é o exemplo perfeito de homem (além de ser o próprio Deus da filosofia kiekegaardiana). Sendo assim, é na figura dele que se pode tirar a forma perfeita a ser seguida pelo homem e, inserido no contexto do estádio religioso, é também norma para quem se insere dentro de tal estádio, passando a ser norma para quem quer seguir e encontrar a autenticidade do ser.

Portanto, o sentido de vida religioso torna-se, ao mesmo tempo, caminho seguro ao homem e caminho paradoxal. A fé é um paradoxo, haja visto a incomensurabilidade entre a verdade eterna e a existência humana, relação não explicada pela razão: o homem que segue radicalmente um modelo, para Kierkegaard (2010), o modelo de Cristo e encontra a plenitude do seu ser, no ser de outro pela fé.

Então, "[...] para que o indivíduo venha a ser formado de modo tão absolutamente e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade e ter a fé." (KIERKEGAARD, 2010, p. 165). Assim, a fé é nada mais do que aderir.

Por um caminho de interioridade – ou como Kierkegaard afirma: a espiritualidade – é que acontece a adesão da fé, e o homem se torna indivíduo, por meio do autoconhecimento de si (finito) e conhecendo a Deus (infinito), torna-se aquilo que é: elevado por Deus. (SILVA, 2008).

Nesse estádio religioso o homem é tão livre, que a angústia que o angustia, a cada situação, leva-o para ser aquilo que ele pode escolher ser, pois na verdade já o é, basta querer escolher, visto que possibilidade e liberdade se perdem uma com a outra; o "eu" e o "verdadeiro eu" se entrelaçam, assim como homem e Deus, como "escolha" e "ser".

Destarte, a segurança que o verdadeiro cristianismo[10] traz, não em si, mas dado de Deus, é que pode dar ao homem a capacidade de angustiar-se sem se desesperar (ou sem morrer). O homem é levado a ter liberdade, mesmo que rompam com todas as condições e dignidades, pois mais do que fora, a liberdade está dentro.

Portanto, o estádio religioso aponta para a verdade que está dentro, na interioridade e na transcendência. Esse estádio possibilita a análise global de que para ter uma autenticidade nas ações, e uma certeza que possibilita viver, nas condições várias, não é preciso de muito. Necessita-se somente, da consciência de que a inquietação e as angústias vividas constituem caminho seguro para a busca do sentido, onde não se deu sentido. Dar inclusive à vida uma nova interpretação, mais transcendente e menos fantástica, mais realista e menos dolorosa, mais livre e responsável e menos inconsequente.

Até aqui foi possível identificar a relação do homem, que livre, existe a partir da possibilidade de escolha, e se angustia antes da realidade em si, tendo, portanto, a capacidade de decisão, de optar por três estádios diferentes. E, conforme a concretização da ideia kierkegaardiana, vislumbras-e uma experiência real da própria existencia e, mostra-se que é possível a escolha do sentido religioso, como propsota sentido da vida, e que a escolha deste,

[10] Verdadeiro cristianismo: é o termo e a busca de Kierkegaard que se faz nas suas obras.

acarreta a condição de viver na forma mais segura e autêntica possível, sem medo, com esperança e sentido: a do verdadeiro eu.

Portanto, com a possiblidade de escolha, como afirmou Kierkegaard (2010), o indivíduo passa pela sua condição (a mais digna do homem) de angústia (ou sofrimento), ele tem a concessão de escolher. Por isso, pode de modo livre, e consequentemente, com responsabilidade, escolher o que for cabível e o que dá sentido a si e à sua vida, podendo assim viver legitimamente, pois de acordo com Frankl (2008, p. 7) "[...] quem tem por que viver suporta quase qualquer como".

O existencialismo de Kierkegaard não tem a resposta última ou do porquê. Kierkegaard, pode sim propor caminhos – que o homem encontra na sua interioridade – e indicar aquilo que talvez se poderia chamar de característica própria do espírito, que reune em si todos os recursos inatos e inimagináveis de que pode dispor o ser humano no seu cerne para empreender uma vida digna e plena de sentido, para decidir sempre a favor do bem.

5 Considerações finais

Interessante analizar a fé ou o modo religioso-transcendente torna uma escolha carregada de sentido. Nota-se que para Kierkegaard, quando em busca do verdadeiro cristianismo, encontra na pessoa de Jesus Cristo – figura de Deus para a religião cristã – a autenticidade do ser.

A capacidade das pessoas, em diferentes situações, de ter sentido, é clarificada e encontra na perspectiva do espírito ou do espiritual, não algo mágico, mas algo próprio do homem. E algo próprio do homem é poder olhar e, sobretudo, viver diversas coisas, diversos modos ou situações, piores ou melhores, momentos repletos de sucesso ou tragédia, momentos fáceis ou quase impossíveis, de muita alegria ou de muita dor, todos, sem exceção, carregados de sentido e de vida, porque foi dado à essa espécie, ao ser humano, a grandeza do salto ou, do que se poderia chamar, capacidade de viver no espírito, junto e acima de outras capacidades humanas: todas humanas.

O ser humano crê em um sentido pelo fato de respirar; mesmo o suicida crê num sentido de morrer. O que difere é o grande contraste presente no modo de viver e de significar, por isso aqui, a fé é algo que evita a morte. A fé (estádio religioso), para

Kierkegaard (2010), deve ser atendida e olhada com dedicação, pois é ela, que mais do que outro elemento, que aplica vida sentido e segurança.

Mais do que fantasiar, torna-se necessário pisar firme na realidade do próprio ser humano, ser espiritual, ser religioso, capaz de viver o prazer, a lei e o sofrimento, capaz de carregar o peso das situações impostas e a leveza do hoje.

Por fim, o que motiva algumas pessoas, no estado de sofrimento e da angústia ou em qualquer outro estado, a atribuir um sentido à vida, e seguir de modo responsável, é a consciência de que tudo está repleto de sentido, que as situações, a culpa, o pecado ou o mal devem ser usados como trampolins de conhecimento (de saída da ignorância), para o grande salto de responsabilidade que o homem pode, e categoricamente deve, fazer: assumir a liberdade e a decisão pela vida, carregada de sentido e de transcendência.

6 Referências

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Lisboa: Presença, 1978.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard.** Petrópolis: Vozes, 2006.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.

_____. **Textos Selecionados.** Trad. e notas de Ernani Reichmann. Curitiba: Editora daUniversidade Federal de Paraná-UFPR, 1971.

SILVA, João Henrique. **A Concepção De Homem No Pensamento Existencial de Soren Kierkegaard** (Monografia). Faculdade Católica de Pouso Alegre. Pouso Alegre, 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Do Romantismo ao Empiriocriticismo. São Paulo: Paulus, 2003.